



FLANAR EM MARTINHO DE HARO: MATERIAIS E FERRAMENTAS EDUCATIVAS PARA PERAMBULAR POR FLORIANÓPOLIS

WALKING IN MARTINHO DE HARO: EDUCATIONAL MATERIALS AND TOOLS FOR WANDERING AROUND FLORIANÓPOLIS

Joana Amaranteⁱ
Instituto Collaço Paulo – Centro de Arte e Educação

RESUMO

A exposição “Indivisível Substância: Martinho de Haro e Florianópolis”, com curadoria de Francine Goudel e Ylmar Corrêa Neto, em cartaz de março a julho de 2023, contou com um recorte significativo da produção do pintor catarinense Martinho de Haro (1907-1985), pertencente à Coleção Collaço Paulo. Em uma expografia compreendida como um mapa de Florianópolis, não diferente, a curadoria educativa propunha um passeio por essa cidade de Martinho a partir dos materiais criados. Compreendendo a necessidade de estruturar e formular cada ação de forma individual, onde as experiências do outro, a partir dos diálogos, acabam modificando o percurso, tornando-os flexíveis e afetivos.

PALAVRAS-CHAVE

Martinho de Haro. Ferramenta interativa. Material educativo. Curadoria educativa. Mapa.

ABSTRACT

The exhibition “Substância Indivisível: Martinho de Haro e Florianópolis”, curated by Francine Goudel and Ylmar Corrêa Neto, from march to july 2023, with a significant focus on the production of Martinho de Haro (1907-1985), from Santa Catarina, belonging to the Collaço Paulo Collection. In an expography understood as a map of Florianópolis, no different, the educational curator proposed a tour of this city of Martinho from the materials created. Understanding the need to structure and formulate each action individually, where the experiences of others, based on dialogues, end up modifying the path, making them flexible and affective.

KEYWORDS

Martinho de Haro. Interactive tool. Education material. Education curation. Map.

Introdução

A proposta desse artigo é pensar e analisar a construção do material educativo e ferramenta interativa para a exposição “Indivisível Substância: Martinho de Haro e Florianópolis”, em conjunto com uma experiência das arte educadoras, Joana



Amarante (coordenadora do Núcleo Educativo) e Ana Martins (estagiária), durante as ações realizadas no período de março a junho de 2023. Entendendo como os processos curatoriais e educativos podem caminhar em conjunto com o intuito de ampliar o olhar para a exposição com outras interpretações e diálogos, assim como Ana Mae Barbosa (1989) sugere, em uma atuação complementar dessas duas áreas dentro de suas diferenças estéticas e conceituais, com um olhar que não se sobrepõe ao outro, mas adicionam outras camadas de entendimentos.

A exposição aconteceu em um espaço criado recentemente, Instituto Collaço Paulo – Centro de Arte e Educação, localizado na cidade de Florianópolis (SC), entidade privada e sem fins lucrativos, fundada em julho de 2022, com o propósito da promoção da arte e da cultura através de programas de cunho educativo. O objetivo do instituto é salvaguardar a coleção particular Collaço Paulo, constituída ao longo de mais de 40 anos, que abarca uma gama de artistas, períodos históricos, diferentes escolas, movimentos e estilos. O Núcleo Educativo se constitui nesse mesmo período, configurando-se como um dos pilares – juntamente com a curadoria e a comunicação -, nessa missão de trabalhar de forma acessível e horizontal a coleção com o amplo público e, não somente, o escolar.

O núcleo trabalha com atividades e programas de formação de modo contínuo, com os mais variados perfis e faixas etárias, sempre a partir de um diálogo com os projetos curatoriais da Coleção Collaço Paulo, de forma a ampliar os temas e as conexões. As propostas de ações educativas perpassam, não somente, visitas mediadas para grupos diversos e escolares, mas, também, com o desenvolvimento de materiais educativos e propositivos das exposições, assim como o oferecimento de encontros e formação com os professores e educadores, palestras, entre outras atividades. São ações com o intuito de desenvolver experiências que possibilitem ampliar a reflexão sobre a arte, com o propósito de conduzir a interlocuções que estabeleçam sentidos com a comunidade, sempre de forma gratuita.

O Educativo, então, atua de forma direta na mediação com os visitantes a partir de propostas de percursos e práticas imersivas após esse encontro. Compreende-se a importância de todo esses materiais confeccionados, como sendo uma forma de interlocução e potencialização entre a arte e o público. A partir da leitura de *bell hooks*



(2017), entende-se a necessidade de estruturar e formular cada ação de forma individual, pois uma educação engajada não deve ser fixa e muito menos absoluta, onde as experiências do outro, a partir dos diálogos, acabam modificando o percurso, tornando-os flexíveis e afetivos, mesmos que eles flertem com os (des)encontros, tão necessários, também, para a criação desse espaço de diálogo.

É dentro desse cenário, de compreender a exposição e de emprestar palavras para as imagens, que as aproximações são possíveis e necessárias. As obras continuam a dialogar com o observador e o papel do educativo é tornar essa aproximação tangível com a realidade de cada escola, de cada público e faixa etária através de ferramentas propositivas. Como conversar com crianças de 4-5 anos diante de imagens de uma cidade que não existe mais? Como aproximar essa cidade tão retratada pelo artista catarinense de pessoas que conhecem uma Florianópolis de 2023? Como rememorar esse passado que se perde, se modifica e se reconfigura? Talvez, como o próprio Haro fez em muitas de suas telas: inserindo elementos inexistentes ou apagando outros, como um prenúncio de um futuro, é um dos papéis dos arte educadores levantar questões contemporâneas pertinentes ao visitante, criar dispositivos que aproximem o olhar como uma pequena janela ou uma história onde a criança se coloca a navegar e caminhar por uma cidade longínqua, olhando os detalhes e para aquilo que ainda sobrevive.

A exposição como simulacro de uma cidade

A exposição “Indivisível Substância: Martinho de Haro e Florianópolis”, com curadoria de Francine Goudel e Ylmar Corrêa Neto, ficou em cartaz de março a julho de 2023. Contou com um recorte significativo e abrangente da produção do pintor catarinense Martinho de Haro (1907-1985), pertencente à Coleção Collaço Paulo, tendo como mote os 350 anos da cidade de Florianópolis (SC). Segundo o texto dos curadores (2023, p.10), o recorte se dedica a uma construção visual moderna do artista para a cidade, “como uma substância indivisível não alcançamos reverenciar Martinho sem contemplar Florianópolis, assim como não é possível pensá-lo dissociado da Ilha”.

Em uma expografia (Imagem 1 e 2), compreendida como um mapa da região central dessa cidade, não diferente, a curadoria educativa para o material e ações, propunha



um passeio por ela, uma Florianópolis que tanto Martinho representa em suas pinturas e desenhos. As visitas aconteciam nesse ato de percorrer uma cidade cuja existência se dá somente através de lembranças ou nos resquícios de alguns casarios que ainda sobrevivem perdidos em meio a prédios espelhados e fios elétricos, a partir de diálogos que aproximavam esses recortes a questões contemporâneas. Nesse trajeto, não era contemplado somente as paisagens urbanas, mas também as festas populares e a culinária com seus alimentos típicos, elementos que também constroem um identidade cultural de um pedaço de terra que a cada dia avança com seus aterros em um suposto intuito de dominar o mar.



Imagem 1. Panorama da entrada da exposição. Fotografia: Elisa Imperial.



Imagem 2. Panorama de uma das salas da exposição. Fotografia: Elisa Imperial.

Segundo o teórico Marc Augé (2007, p.95), a contemporaneidade evidenciou “o espaço do não lugar” que “não cria nem identidade singular nem relação, mas sim solidão e similitude.” Os transeuntes não vivenciam mais as cidades, estão fadados a somente visitar e não a vivenciar as paisagens urbanas. O que muitas vezes, também, acontece com uma exposição de arte. Pela falta de dispositivos para acessar o próprio



repertório, muitos visitantes percorrem de forma autômata, onde detalhes e nuances dos traços do artista são perdidos pela imediatez. Adentrar uma exposição também se torna um convite a se perder por entre histórias que podem ou não ter ligações e nós, como observadores/transeuntes criar e ampliar as conversas.

Augé (2007, p.87) ainda fala que “os não-lugares criam tensão solitária,” ou seja, criam lugares sem significações e memórias. A passagem por estes *não-lugares* é tão rápida que não se consegue vivenciá-los, ou melhor, observar e dar-se conta que eles existem e estão presentes no entorno, são como espaços vazios que, para Bauman (2001), são espaços *não-vistos* onde cada vez mais se tornam resistentes a serem observados os pequenos detalhes que os compõem, servindo somente para uma circulação rápida de pessoas e objetos e não para a sua efetiva vivência. E é interessante aproximar as ações educativas ao recorte da fala desses teóricos, como uma bricolagem de referências dos quais somos formados. A mediação de uma exposição se propõe a essa vivência, algo muito próximo a “tomar posse” daquilo que vemos e desconstruir os conceitos pré-existentes, quase como um convite a habitar o que vemos e o que também nos observa.

Martinho de Haro é o pintor que tanto se apropriou da cidade observando-a *in loco*, quanto a partir de sua memória. Ele retratou muito Florianópolis o que o ajuda, em suas referências, em acessar esses espaços a partir de uma rememoração. O artista nasceu em 1907, em São Joaquim, município de Santa Catarina. É nessa região que inicia seus estudos de desenho e de pintura e, com uma bolsa concedida pelo governo catarinense, consegue se mudar para o Rio de Janeiro (RJ), onde se aperfeiçoa na Escola Nacional de Belas Artes. Em 1937, conquista o Grande Prêmio de Viagem ao Exterior, embarcando somente no ano seguinte para Paris (França). Porém, sua estadia nas terras européias é abreviada pelo início da 2ª Guerra Mundial. Na década de 40, fixa-se em definitivo na cidade de Florianópolis, cidade que retrata de forma incessante em suas telas, sempre evidenciando os barcos nos cais, os casarios à beira-mar e os céus em constante movimento. Já na década de 70-80, com pinceladas inacabadas e violentas, Haro fala de uma cidade que pode ser rememorada através de sua pintura.



O artista vivencia essa cidade que escolhe para morar e para retratar em suas diversas telas produzidas ao longo de sua vida. Ele observa as nuances dos céus de outono, como na obra “Largo da Alfândega com Ocaso Amarelo” (Imagem 3), na cidade que some e se apaga em traços rápidos – deve-se levar em conta que, nesse momento, Haro não está mais pintando *in loco* mas, sim, a partir de suas lembranças e memórias -; retrata o vento sul em “Baía Sul com Nuvens” (Imagem 4), com o mar azul escuro, encrespado de ondas e o céu carregado anunciando uma tormenta, provavelmente é verão. Insere caixotes, ou retângulos vazios brancos acinzentados, como uma alusão dos grande prédios que começam a surgir nessa cidade ou que, num suposto futuro, poderiam começar a tomar conta desses espaços ocupados pela arquitetura eclética e açoriana. Seria uma forma de apagamento? Ou um pensar em uma cidade em constante movimento? Talvez não o dos pedestres – que também não observados em suas pinturas de paisagens -, mas da arquitetura, como se ela pudesse ser viva e pulsante de desejos, em uma aproximação com seus céus e mares.



Imagem 3: Largo da Alfândega com Ocaso Amarelo, 1980-85. Martinho de Haro. Óleo sobre tela sobre eucatex. 43,3 x 70,4 cm. Coleção Collaço Paulo



Imagem 4: Baía Sul com Nuvens, 1970-75. Martinho de Haro. Óleo sobre tela sobre eucatex. 39,5 x 60,4 cm. Coleção Collaço Paulo

A partir do próprio movimento e transformação que a cidade sugere, os materiais educativos e as mediações foram pensadas e construídas, em um movimento semelhante à própria pintura de Martinho de Haro, dentro dessa constância de diferença na repetição. Uma das perguntas que permeava era, retomando as várias realizadas no início desse texto: “Como se aproximar dessa cidade que não existe mais, somente em seus indícios? O que dela resiste?”. Algumas perguntas possuem a capacidade de potencializar a ação educativa, acionar percursos no espaço expositivo, uma forma de buscar por essa ampliação dos repertórios e dos temas enquanto se procura nas várias possibilidades de respostas. Se o artista fala de sua época, a mediação se volta para as questões do hoje, com um olhar acurado para aquilo que reflete da/na contemporaneidade.

“Em busca de sentidos” e “Flanar em Martinho de Haro”, materiais como mapas imagéticos

Dentro do escopo de materiais produzidos pelo setor educativo, “Em busca de sentidos”¹ (Imagem 5) é aquele voltado para o apoio ao professor e educador. A construção desse material acontece a partir de um levantamento histórico, tanto de contexto social quanto artístico; a biografia do(s) artista(s) ou o movimento; perguntas acionadoras para o educador ou para o público escolar, e atividades propositivas que podem ou não ser realizadas de forma interdisciplinar. Ele acaba se tornando um material também de pesquisa e de leitura complementar e não somente de ideais para atividades ou informativo, pois a construção dos textos se dão em um formato de



conversa poética, ampliando assim os entendimentos que não se fecham em um único sentido.



Imagem 5: Capa do material educativo “Em busca de sentidos”. Arquivo virtual.

“Em busca de sentidos” foi estruturado como um grande mapa imagético para uma suposta viagem ou caminhada por essa cidade apresentada por Martinho de Haro. Sua organização não é cronológica, mas sim, no sentido de uma caminhada por alguns pontos, como: observar o Hospital de Caridade ao longe, num ponto de vista distante; descer por suas ruas e observar o carnaval que acontece próximo à Praça 15 de novembro, chegar no Mercado Público e seguir até o Cais Rita Maria. Uma forma de experienciar as mudanças latentes nesse percurso através dos textos e atividades propositivas, porém, nada impede sua leitura descontínua – como acontece dentro do espaço urbano. A cidade retratada por Martinho de Haro não é mais essa do qual se pode caminhar e vivenciar, como uma apropriação do real, ela é outra, muito mais próxima das cidades inventadas pelo escritor Ítalo Calvino.

A leitura desse material permite, a medida que avança pelas seis pranchas, acessar a vida e a obra do artista catarinense em questão. Da mesma forma como ele descortina a cidade através de cores, manchas, pinceladas e carvão vegetal, as arte educadoras buscam um sentido para toda essa pesquisa levantada em torno dele e que fosse significativo para pensar sobre esse espaço em constante movimento.

Como uma cidade, esse material não se constitui de um único caminho a ser desbravado, pode-se alinhar outras ruas e paisagens, ao ritmo das memórias pessoais e as da geografia urbana. A partir de aproximações com artistas contemporâneos que intervêm no caos urbanístico, é possível desconstruir e reconstruir esse diário de bordo



único em sala de aula, inserir elementos nas arquiteturas ou classificá-las através de desenhos e fotografias, atendendo ao desejo de salvaguardar espaços que provavelmente logo sumirão. (AMARANTE et al, 2023, p. 3)

O teórico Paulo Sérgio Duarte (2005) traz em seu texto para o catálogo da Bienal do Mercosul, que a obra de arte possui uma relação e se constitui a partir de experiências entre observador e obra. Ou seja, a história da arte pode ser construída ou escrita a partir da relação que os trabalhos possuem com o espaço expositivo/urbano e o observador, cuja noção se modifica ao longo do tempo e dos contextos sociais e históricos. O tornar significativo essas obras na contemporaneidade, se dá a partir de discussões relevantes que perpassam o bairro do qual o estudante e professor/educador também estão inseridos, por isso o acolhimento, tão falado nos relatos de mediadores ou arte educadores é importante, pois é o primeiro contato que tornará a viagem tranquila e, semelhante ao artista, acionará outros diálogos com a cidade, sugerindo novas possibilidades de reapropriações desses espaços.

Além do material teórico, no decorrer da exposição, foi criada uma ferramenta de interação virtual² (Imagem 6), intitulada “Flanar em Martinho de Haro”, um mapa com os principais pontos retratados pelo artista. Nesse mapa confeccionado de forma virtual a partir de aplicativo gratuito e acesso ilimitado, foram selecionados, a partir das obras presentes na exposição, os lugares e inserido marcações nesses pontos e complementado com breves textos produzidos pelas arte educadoras. Além disso, foram escolhidos algumas imagens de cartões postais antigos pertencentes à Coleção Collaço Paulo e ao acervo Casa da Memória de Florianópolis – FCFFC, bem como das pinturas de Martinho, onde os usuários poderiam comparar as mudanças e as permanências. Construído a partir do desejo de quando se quer conhecer uma cidade nova, essa ação requer pesquisa e um olhar atento, assim como as visitas mediadas, elencando alguns pontos, despertando curiosidade para outros, traçando rotas e trajetos que a todo momento se modificam, como o próprio espaço urbano.

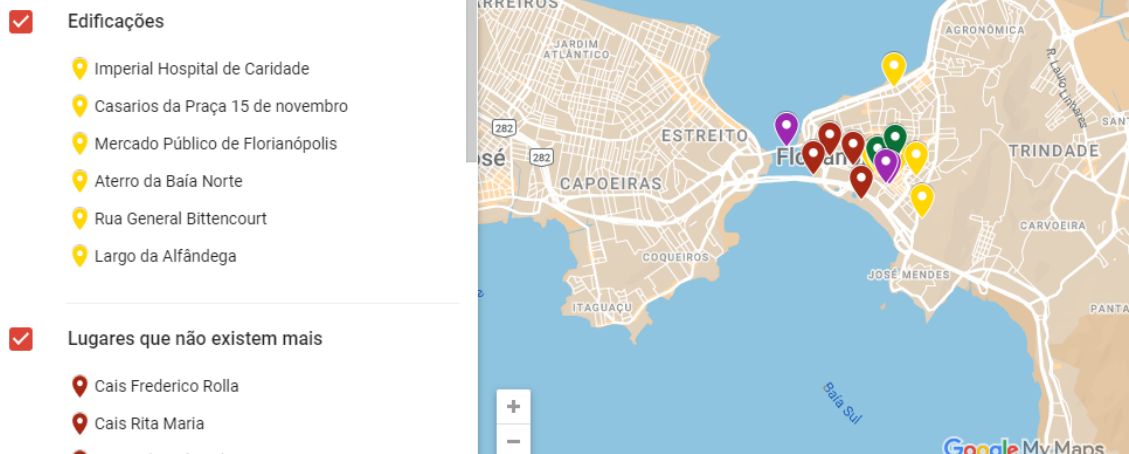


Imagem 6: Ferramenta interativa. Arquivo virtual.

O núcleo educativo percebe que é necessário estruturar e formular a ação da melhor forma possível, compreendendo as opções de percursos e atividades práticas como escolhas abertas para mudanças, pois como *bell hooks* (2017) sugere quanto a uma educação e voz engajada, é que ela não deve ser fixa e muito, menos, absoluta, pois as experiências do outro, a partir dos diálogos estabelecidos, acabam modificando o percurso, tornando-se flexível e, principalmente, afetivo. Ou como Jorge Larrosa Bondía (2002, p.21) fala que “a experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca.” É nesse limiar intangível que o pintor quer alcançar e que a mediação se insere no auxílio de construir pontes, caminhos e labirintos.

Relato de uma experiência que atravessa

Dentre todos os agendamentos e com o contato de mais de 1100 pessoas (estudantes, educadores, jovens e adultos), aquele que se destaca, é o da escola de educação básica municipal, participante do programa escola cívico-militar, EEBM Jurema Huguen Palma, da cidade de São Joaquim (SC), cidade em que Martinho de Haro nasceu. O agendamento foi realizado pela Diretora de Cultura da Prefeitura Municipal de São Joaquim e aconteceu no dia 20 de junho de 2023, para duas turmas do ensino fundamental do 7º ano, compreendendo a faixa etária de 14 – 16 anos, composta por 31 estudantes e três professores. O objetivo da escola era realizar uma viagem de estudos, com o intuito de conhecer as principais ferramentas culturais de Florianópolis, bem como os pontos turísticos, visto que para muitos estudantes, o



acesso a museus, galerias e aos espaços públicos da cidade é oportunizado, muitas vezes, pelas escolas.

O percurso escolhido para a visita foi o mais amplo, “Flanar em Martinho de Haro/Perambular em Florianópolis”, pois se configurava em um convite para *flanar* através de um conjunto de pinturas com recortes de uma cidade e costumes que estão se perdendo ou se modificando. E para a oficina prática imersiva, “O cartão-postal que gostaria de receber”, pois Martinho elenca os melhores recortes com os céus/mares turbulentos, as comidas típicas, imagens que se transformam em cartões-postais da cidade de Florianópolis. Esses recortes que, em um primeiro olhar, pontuam o direcionamento das mediações, estão presentes no formulário de pré-agendamento que o professor recebe, porém, nada impede, que durante o processo, a prática de ateliê se modifique para uma experimentação com outros materiais e linguagens, assim como o diálogo com a exposição.

Uma prática das artes educadoras é sempre fornecer uma ideia geral da visita e o que será desenvolvido com os estudantes durante a ação educativa. No primeiro contato estabelecido com os professores, foi apresentado a ferramenta de interação virtual. Utilizada em sala de aula pelos educadores da unidade, então, os estudantes já sabiam algo sobre o artista, o lugar que iriam conhecer e pelos quais passariam posteriormente. A mediação entendida, aqui, como uma atividade desenvolvida através de diálogo constante e participativo, desde o início do processo incluindo os educadores e responsáveis.

Quando se olha as primeiras pinturas de Martinho de Haro, com a temática da Serra Catarinense e, logo em seguida, as pinturas presentes na exposição “Indivisível Substância”, entende-se que o primeiro momento, onde se estabelece a conexão com os estudantes, deve se dar a partir do espanto diante da paisagem. O acolhimento aconteceu, então, em frente ao instituto, diante da praia, de barcos, de pequenos atracadouros e de um céu azul claro em um dia de muito frio (Imagem 7). Foi diante desse recorte que os adolescentes respiraram, alongaram-se e foram percebendo as diferenças de paisagens a que estão habituados a observar e experienciar, pois “para perceber, o espectador ou observador tem de criar sua experiência. E a criação deve



incluir relações comparáveis às vivenciadas pelo produtor original. Elas não são idênticas, em um sentido literal” (Dewey, 2010, p.137).



Imagem 7: Acolhimento dos estudantes.

Após esse primeiro contato, os estudantes foram dirigidos ao Instituto Collaço Paulo e à exposição “Indivisível Substância” propriamente dita. Nesse segundo momento, foram contextualizados sobre a vida de Martinho e sua trajetória. Em um diálogo constante, buscou-se sempre estabelecer aproximações possíveis de serem realizadas com o que foi visto fora e dentro do espaço, bem como de suas referências afetivas. Mesmo eles desconhecendo essa cidade, a visita mediada foi descortinando um espaço diferente oriundos dos relatos de vivências e experiências tanto da arte educadora quanto dos estudantes, a partir de um olhar atento pelas formas, cores e pinceladas do artista.

A atividade prática, confeccionar um cartão-postal, opta-se pelo uso do giz pastel, assim abriria espaço para a criação de suas próprias afetividades, seus próprios espaços, diferente das outras escolas que tinham a sua disposição, recortes de revistas e jornais, um acervo composto por imagens que mais se assemelhavam a Florianópolis. Assim como Martinho de Haro mostra seus recortes preferidos para seus conterrâneos de uma cidade que viveu durante 40 anos, a pergunta feita para eles foi: “Qual o cartão-postal ou recorte que eles enviariam para o artista?”. Dentro



dessa pergunta, buscaram formas de falar sobre a cidade de São Joaquim, que se modificou ao longo dos anos, ou dos lugares que eles frequentam, daquilo que eles conhecem e reconhecem como sendo seus espaços.

E muito semelhante ao início da carreira de Martinho de Haro, os estudantes apresentaram as araucárias, os bailes em galpões, a serra que se estende como o mar, os verdes, as maçãs e, no meio disso tudo, aparece um mapa com os principais pontos da cidade de São Joaquim, com suas ruas e praças (Imagem 8, 9 e 10). Assim como a visita mediada se apresentou como um grande mapa, onde os situava diante dos locais onde estavam, dos pontos de referências, dos casarios que ainda sobrevivem, um dos estudantes apresenta um outro mapa, um mapa afetivo para ele, de uma cidade que cresceu, modificou-se e que, muito provavelmente, Martinho se perderia e desconheceria.



Imagem 8: Estudante Erica.



Imagem 9: Estudante X (não quis identificar).



Imagem 10: Estudante Y (não quis identificar).

Conclusão

Em uma partilha realizada pelos arte educadores da 35ª Bienal de São Paulo, Encontros Itinerantes - 35ª Bienal, organizado pelo MAM-RJ no formato virtual em 4 de abril de 2024, André Leitão relata uma experiência de mediação onde buscou referências de times e jogadores de futebol e, o relato escrito dessa atuação se deu no formato de uma narração de jogo. Talvez, possamos afirmar que é dentro desse limiar, o de se apropriar de uma exposição e torná-la um espaço de vivência, diálogos e experiências que nos passam e nos modificam, que cada processo e construção toma forma. Uma expografia que se estendia como mapa, é gerador de perguntas que



reverbera na construção do material educativo como uma cartografia de relatos e a ferramenta interativa que é o próprio mapa (afinal, quantas vezes olhamos e vemos que um trajeto é construído por fotografias de anos completamente diferentes? Ou que um terreno vazio agora está preenchido por um prédio?).

Observo que os educativos buscam ampliar as conexões e as reverberações desses diálogos com os visitantes. A mediação é uma construção conjunta, que se propõe a um convite para o visitante de se apropriar dos espaços, de criar conexões com o trajeto realizado até ali e as obras. Martinho de Haro pensava em uma Florianópolis que pudesse ser guardada em seu tempo. Como se ele pudesse guardar em uma redoma. As arte educadoras buscavam uma aproximação desse simulacro da exposição aos visitantes espontâneos e agendados, formas deles terem acesso a esses espaços esquecidos, transformados, alterados e apagados para sempre, ressignificados, assim como nossas memórias são um conjunto de outras várias lembranças nossas e de outras, uma bricagem de várias possibilidades.

Referências

AMARANTE, Joana; MARTINS, Ana (Org.). **Em busca de sentidos: material educativo: Indivisível substância Martinho de Haro e Florianópolis**. Florianópolis, SC: Instituto Collaço Paulo - Centro de Arte e Educação, 2023. Disponível em: <<https://institutocollacopaulo.com.br/wp-content/uploads/2023/10/EDUCAT1.pdf>>. Acesso 25 de fev. 2024.

AUGÉ, M. **Não-lugares: Introdução a uma antropologia da supermodernidade**. 6. ed. Campinas: Papiros, 2007.

BARBOSA, Ana Mae. **Arte-educação em um museu de arte**. Revista USP, São Paulo, Brasil, n. 2, p. 125–132, 1989. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/25467>>. Acesso em: 8 mar. 2024.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.



BONDIA, Jorge Larrosa. **Notas sobre a experiência e o saber de experiência**. Rev. Bras. Educ., Rio de Janeiro, n.19, p. 20-28, abr. 2002. Disponível em: <http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-24782002000100003&lng=es&nrm=iso>. Acesso 28 de mar. 2024.

CALVINO, Italo. **As cidades invisíveis**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

DEWEY, John. **Arte como experiência**. São Paulo: Martins Fontes – selo Martins, 2010.

DUARTE, Paulo Sérgio. **História da Arte e do Espaço – O Projeto**. In: FIDELIS, Gaudêncio; FERREIRA, Glória; DE MEDEIROS, Maria Beatriz; DUARTE, Paulo Sérgio. Direções no novo espaço. Porto Alegre, Fundação Bienal do Mercosul, 2005.

GOUDEL, Francine; PEDROSO, Néri (Org.). **Indivisível substância: Martinho de Haro e Florianópolis**. Florianópolis, SC: Instituto Collaço Paulo - Centro de Arte e Educação, 2023. Disponível em: <<https://institutocollacopaulo.com.br/wp-content/uploads/2023/10/CATALOGO-martinho-081023.pdf>>. Acesso em 25 de fev. 2024.

HOOKS, bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática de liberdade**. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2017.

Notas

1. <https://institutocollacopaulo.com.br/wp-content/uploads/2023/10/EDUCAT1.pdf>
2. <https://www.google.com/maps/d/u/0/viewer?mid=19jbMkLiyAZN-MWRz0KoIO7zGqBlihsQ&ll=-27.613254364707693%2C-48.541938999999999&z=11>

ⁱ Mestre em Teoria e História das Artes Visuais pela Universidade do Estado de Santa Catarina (Udesc), 2013; licenciatura em Educação Artística: Habilitação Artes Plásticas, pela mesma instituição, 2010. Coordenadora do Núcleo Educativo do Instituto Collaço Paulo – Centro de Arte e Educação. E-mail: educativo@institutocollacopaulo.com.br. Lattes ID: <https://lattes.cnpq.br/4026628716972532>. Florianópolis/SC, Brasil.